O que pedem as listas de Antonio de la Peña? Papéis e bens em circulação entre o Solimões português e o Marañón espanhol (1765)

Brian Gomes Cardoso Aracati

Graduando em História pela Universidade Federal do Pará (Ufpa), Faculdade de História, Belém, PA, Brasil.
brianaracati@hotmail.com
https://orcid.org/0009-0005-5227-1798

What do Antonio de la Peña's lists Request? Papers and Goods in Circulation Between the Portuguese Solimões and the Spanish Marañón (1765)

Resumo: Em julho de 1765, o vigário da vila portuguesa de Olivença, no rio Solimões, informava a administração colonial sobre os papéis recebidos do governador da província espanhola de Maynas, Antonio de la Peña. Em particular, uma "Receita p.ª lhe mandar vir do Pará, o que nella pede". Em quatro tiras de papel, seu conteúdo trazia uma série de bens pedidos pelo governador, "algunas menudencias que aqui es largo pedírlas à Quíto". As cartas e listas de Antonio de la Peña transcritas neste trabalho revelam um caso exemplar das relações e circulações transfronteiriças que marcaram a fronteira entre os impérios português e espanhol no setentrião da América do Sul.
Palavras-chave: Circulação material; Amazônia colonial; Fronteiras.

Abstract: In july 1765, the vicar of the Portuguese town of Olivença, on the Solimões river, informed the colonial administration about the papers received from the governor of the Spanish province of Maynas, Antonio de la Peña. Among them was a "Receita p.ª lhe mandar vir do Pará, o que nella pede". On four strips of paper, its contents listed a series of goods requested by the governor, "algunas menudencias que aqui es largo pedírlas à Quíto". The letters and lists of Antonio de la Peña transcribed in this study reveal an exemplary case of cross-border relations and circulations that shaped the frontier between the Portuguese and Spanish empires in the northernmost region of South America.
Keywords: Material circulation; Colonial Amazon; Borders.

Em julho de 1765, o vigário da vila portuguesa de Olivença, no rio Solimões, informava a administração colonial sobre alguns papéis recebidos do governador da província espanhola de Maynas, Antonio de la Peña. Em particular, uma "Receita p.ª lhe mandar vir do Pará, o que nella pede". O vigário, João de São Jerônimo, frei carmelita que permaneceu no serviço religioso do povoado mesmo após a secularização das vilas e lugares da Amazônia portuguesa levada a cabo ao longo da década de 1750[1], anexava uma série de cartas e listas de bens enviadas do outro lado da fronteira por La Peña[2]. Talvez fosse a elas que se referisse o governador da capitania do Rio Negro em carta dirigida seis meses depois à cabeça do estado, em Belém, ao mencionar umas "cartas espanholas" remetidas por aquele reverendo vigário[3].

O dirigente daquela província recôndita do império espanhol escrevia do povoado de Pebas, próximo à fronteira com o Solimões português, que, por sua vez, tinha Olivença como a vila mais ocidental da capitania do Rio Negro, no limite com Maynas. Certamente a proximidade entre o governador espanhol e o vigário facilitava a comunicação que, ao que parece, não era rara entre ambos. As expressões de tratamento usadas por Antonio de la Peña

[1] João de São Jerônimo aparece associado à vigararia da vila de Olivença, antes aldeia carmelita de São Paulo, na "Relação das Aldeas, que na conformidade das Reaes ordens de S. Mag.e passaraó a ser Villas e Lugarez", de 1757. Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), Avulsos (Pará), caixa 42, doc. 3872.
[2] Foi possível rastrear a nomeação de Antonio de la Peña como governador de Maynas em 1764 nas atas do cabildo de São Francisco de Quito, transcritas pelo Archivo Metropolitano de Historia de Quito. Disponível em: https://archivoqhistorico.quito.gob.ec/wp-content/uploads/2025/01/actas-del-cabildo-1762-1766.pdf. No momento de escrita deste trabalho, o *website* do arquivo em questão se encontra indisponível.
[3] Arquivo Público do Estado do Pará (Apep), Fundo Executivo (Secretaria da Capitania), códice 158, doc. 105.

para se dirigir ao carmelita permitem inferir certo contato e intimidade que não eram estranhos à realidade vivida nas fronteiras incógnitas e fluidas da Amazônia luso-espanhola ao longo do período colonial.

No caso em questão, essa experiência é dimensionada pela circulação de produtos entre os dois lados da fronteira Solimões-Marañón. Como demonstram os estudos de Carlos Augusto Bastos e Sebastián Gómez González, essa prática, por vias do contrabando, foi uma constante no setentrião amazônico da América do Sul, persistentemente disputado pelas Coroas de Portugal e Espanha[4]. O fracasso das tentativas espanholas de impedir a entrada das canoas e "mercancías" portuguesas na Audiência de Quito era atribuído a uma conhecida barreira: a cordilheira dos Andes, que se interpunha entre Quito e as terras baixas e selvagens de Maynas, dificultando o abastecimento da região a partir do centro administrativo andino. Além das impressões do naturalista francês Charles Marie de La Condamine sobre a "superioridade" econômica e material dos portugueses em relação às missões espanholas de Maynas em meados do século XVIII[5], Sebastián Gómez González transcreve um interessante testemunho de 1776 do vice-rei de Nova Granada:

> Me da cuidado aquella parte de la jurisdicción de la Audiencia de Quito en los gobiernos de Maynas, Quixos y demás, todos situados en las inmediaciones de los caudalosos ríos que desaguan en el Marañón o Amazonas, por los cuales tienen los portugueses la facilidad de hacer sus expediciones con comodidad por agua, cuando nosotros tenemos la parte alta, nos cuesta mucho y aun imposibilita hacer lo mismo por medio de las cordilleras de los Andes[6].

Esse discurso não deixa de aparecer na correspondência entre Antonio de la Peña e o vigário carmelita de Olivença. Justificando o pedido de "algunas menundencias" ao governo do Grão-Pará, o então governador de Maynas confessava que "aqui es largo pedírlas à

[4] Carlos Augusto Bastos. *No limiar dos impérios: a fronteira entre a Capitania do Rio Negro e a Província de Maynas. Projetos, circulações e experiências (c.1780-c.1820).* São Paulo: Hucitec, 2017; Sebastián Gómez González. *Frontera selvática: españoles, portugueses y su disputa por el noroccidente amazónico, siglo XVIII*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, 2014.
[5] Sebastián Gómez González. *Frontera selvática*, *op*. *cit*. p. 214.
[6] *Idem*, p. 300.

Quíto". Porém, o pedido de La Peña e seu encaminhamento ao governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão por frei João de São Jerônimo insinuam certa oficialidade que destoa dos contrabandos portugueses temidos pela administração espanhola, já que seu pedido implica uma abertura à entrada das mercadorias lusas em Maynas. Em 1765, Portugal e Espanha encontravam-se em relativa paz, após os atritos provocados pela Guerra dos Sete Anos até o início da década de 1760 tanto nas cortes quanto em seus domínios ultramarinos, incluindo a fronteira entre a capitania do Rio Negro e a província de Maynas[7]. Contudo, a permanência da desconfiança na região pode ser vista em uma carta endereçada ao governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão, em 1766, pelo governador da capitania do Rio Negro, Joaquim Tinoco Valente:

> Na muito respectiva carta, de V.Ex.ª, fico adevertido na vigelançia, que devo ter na susbtentasam, dos Dominios de El Rey N. Sr.', devendome lembrar, o Emtepestivo, e nunca praticado rompimento, que El Rey Catholico fez a Portugal no anno de 1762, Sendo tanto contra o Direito natural, Divino, e das gentes; cujos motivos, me devem fazer certo o cararater [*sic*], da nasam Espanhola, ser acto p.ª repetir similhantes insultos, com outros iguais pretextos [...][8].

É nesse cenário que se encontram os papéis de Antonio de la Peña enviados ao frei João de São Jerônimo, conservados no Arquivo Público do Estado do Pará (Apep). Embora não tenha sido possível confirmar se seu pedido foi, de fato, atendido pelo governador do Grão-Pará e Maranhão, a riqueza e a especificidade dos produtos requeridos pelo governador de Maynas dão indícios do potencial de comércio e de circulação material entre a capitania do Rio Negro e a província de Maynas por meio do eixo fluvial Solimões-Marañón. Antes de seu conteúdo, chama a atenção a materialidade dos papéis: trata-se de tiras retangulares e extratos de papel, em vez de folhas íntegras. A visualização pela cópia digital e a impossibilidade de acesso físico aos documentos impediram um olhar mais minucioso

[7] *Idem*, pp. 259-270; Fabiano Vilaça dos Santos. *O governo das conquistas do Norte: trajetórias administrativas no Estado do Grão-Pará e Maranhão (1751-1780)*. São Paulo: Annablume, 2011, pp. 82-84.
[8] Apep. Fundo Executivo (Secretaria da Capitania), códice 158, doc. 151.

para esse aspecto, que não deixa de ser parte integrante e significativa da documentação transcrita[9].

A "receita" do governador é formada por quatro extratos de papel, além de cartas que arrolam uma diversidade de bens pedidos ao lado português da fronteira. Como um todo, predominam os têxteis de diferentes materiais, adornos e cores, exemplificando o caráter luxuoso e pouco ordinário de boa parte dos bens pedidos por Antonio de la Peña. Nem todos eram apenas para si, mas também para sua esposa e um ouvidor de Quito, como alega. Aparecem peças de vestuário, acessórios, objetos e outros bens de valor. Além de ter advertido que todos os pertences deveriam ser de origem inglesa, "por ser mejores y mas víen acondicionados que los de otra nacion", Antonio de la Peña enviou mercadorias a João de São Jerônimo: alguns "policones", para que no Grão-Pará se fizessem outros ricamente, "un zapato para medida de 1 par de botas ynglesas para el oídor decano de quito" e um pouco de quina[10], em sinal de gratidão pelo serviço prestado.

O pedido de livros religiosos complementa o conteúdo das listas. Entre os autores incluídos pelo governador, aparecem os

[9] Deve-se levar em conta as considerações de Carolina Mendes sobre a materialidade e a imaterialidade das fontes históricas diante da "virada digital" provocada pela digitalização de documentos. Mesmo que a investigação histórica se concentre mais em seu conteúdo do que em sua materialidade — como neste trabalho —, é importante buscar enxergar o lugar *no mundo* das fontes digitalizadas, inseparável de sua materialidade e seu contexto de produção, operação dificultada pelo acesso exclusivo a cópias digitais. Caroline Garcia Mendes. "Os arquivos digitais e a escrita da história a partir das fontes on-line". *Acervo*, 38 (2023), pp. 1-13.

[10] Casca da árvore *Cinchona officinalis*, nativa da América do Sul. Também conhecida no mundo hispânico como "cascarilla", ficou célebre na farmacopeia euro-americana por sua eficácia no combate às febres terçãs e ao paludismo. Sua importância para a economia regional dos vice-reinos de Nova Granada – incluindo a Audiência de Quito – e do Peru foi defendida, por exemplo, pelo quitenho Eugenio Espejo (1747-1795) em sua *Memoria sobre el corte de quinas* (1792), na qual afirmou que "su uso tan general en todas las naciones cultas, el ser una planta peculiar de esta América Meridional, y por mejor decir de solas las provincias de Quito, Santa Fe [de Bogotá], y parte del bajo Perú, constituye su beneficio uno de aquellos objetos de primer lucro y de indispensable negociación". Francisco Javier Eugenio Santa Cruz y Espejo. *Escritos del doctor Francisco Javier Eugenio Santa Cruz y Espejo*. Quito: Imprenta Municipal, 1912, Tomo I, pp. 145-164.

padres jesuítas Franz Schmalzgrueber[11], Vitus Pichler[12] e um incógnito "P. sec". Já os títulos incluem um *Curso Salmanticense*[13], um missal de altar portátil, uma "biblia y concordancia", livros de sermões e duas obras do jesuíta Francisco de Mendoça[14]: o *Commentariorum in IV Libros Regum*[15] e o *Viridarium*[16]. Algumas obras solicitadas não eram estranhas à circulação de livros entre a Europa, a América e o próprio Grão-Pará. A livraria do colégio Madre de Deus, que a Companhia de Jesus tinha em Vigia, nas proximidades

[11] Franz Xavier Schmalzgrueber (1663-1735), jesuíta bávaro, ingressou na Companhia de Jesus em 1679 e se dedicou aos estudos e à docência de teologia e direito canônico. Destacou-se por sua principal obra, *Jus Ecclesiasticum Universum* (1717). Na lista em questão, é referido pela corruptela "P Smanguever". Charles G. Herbermann et al. (ed.). *The catholic encyclopedia: an international work of reference on the constitution, doctrine, discipline, and history of the Catholic Church. Edited by Charles G. Herbermann, Edward A. Pace, Conde B. Pallen, Thomas J. Shahan, and John J. Wynne. Vol. 13: Revelation to Stock*. Nova York: Robert Appleton Company, 1912, pp. 1400-1401.

[12] Vitus Pichler (1670-1736), jesuíta bávaro, ingressou na Companhia de Jesus em 1696 e se dedicou aos estudos e à docência de filosofia, teologia e direito canônico. Na Universidade de Ingolstadt, foi sucessor da cadeira de Franz Schmalzgrueber. Destacou-se por seu *Cursus theologiæ polemicæ universæ* (1713). Na lista em questão, é referido pela corruptela "P. vito picler". Charles G. Herbermann et al. (ed.). *The catholic encyclopedia: an international work of reference on the constitution, doctrine, discipline, and history of the Catholic Church. Edited by Charles G. Herbermann, Edward A. Pace, Conde B. Pallen, Thomas J. Shahan, and John J. Wynne. Vol. 12: Philip II to Reuss*. Nova York: Robert Appleton Company, 1911, pp. 187-188.

[13] Trata-se de uma obra que reúne um curso de teologia dogmática e outro de teologia moral escritos ao longo dos séculos XVII e XVIII pelos carmelitas descalços de Salamanca, composta de 12 e 6 tomos, respectivamente, acrescidos de 1 apêndice. Permanecendo em uma linha escolástica, buscou reinterpretar as ideias da *Suma* de Tomás de Aquino à luz de novos problemas e dos embates entre católicos e protestantes. "Gran Enciclopedia de España". In: *Cursus Salmanticensis*. 2008. Disponível em: https://gee.enciclo.es/articulo/cursus-salmanticensis. Acesso em 10 de outubro de 2025.

[14] Francisco de Mendoça (1573-1626), jesuíta português, dedicou-se aos estudos e à docência de retórica, filosofia e teologia em Lisboa, Coimbra e Évora. Deixou obras consideráveis, com edições publicadas em vida e postumamente. Na lista em questão, é castelhanizado como "P. Mendoza". Carlos Sommervogel. *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*. Louvain: Editions de la Bibliothèque S.J., Collège Philosophique et Théologique, 1960, Tomo V, pp. 899-903.

[15] Na lista em questão, é referida como "exposision de los Reyes". Foi publicada em três volumes ao longo da vida do autor (edições de 1621 em Coimbra e 1624 em Lisboa) e postumamente (edições em Lyon, Colônia e Veneza entre 1631 e 1647). Arnaldo do Espírito Santo. "O *Viridarium* de Francisco de Mendoça, S.J. Apresentação de uma obra injustamente esquecida". In: Maria Filomena Gonçalves e Ana Paula Banza (ed.). *Património textual e humanidades digitais*. Évora: Publicações do CIDEHUS, 2013, pp. 11-24.

[16] Na lista em questão, é referida como "viridario". Trata-se do *Viridarium Sacræ ac profanæ eruditionis*, um conjunto de escritos variados do autor reunidos e publicados postumamente. Da primeira edição, de 1631, seguiram-se outras 12 publicadas até 1733 em Lyon e Colônia, igualmente responsáveis por notabilizar as ideias de Francisco de Mendoça. *Idem*.

de Belém, contava com títulos de Franz Schmalzgrueber e Vitus Pichler, de acordo com o catálogo publicado por Serafim Leite[17]. De forma similar, o estudo de Rosario Macías sobre o comércio de livros no Caribe espanhol do século XVIII anota um carregamento de livros enviado de Sevilha aos "reinos de Terra Firme", em 1730, que incluía tomos do *Curso Salmanticense* e jogos de "Biblia y Concordancias"[18].

Nas cartas de Antonio de la Peña, outro aspecto importante diz respeito aos principais alvos da cobiça luso-castelhana na América: ouro e prata. Sobre isso, é válido retomar o estudo de Sebastián Gómez González, em que trata do interesse constante dos portugueses pelo escoamento da prata andina para a Amazônia portuguesa a partir do contrabando com as missões castelhanas de Maynas, aproveitando-se da fragilidade e da dificuldade de seu abastecimento pelo lado andino[19]. No território da Audiência de Quito, esse interesse incluía o ouro extraído ao longo do rio Napo, mencionado por Antonio de la Peña em uma das cartas dirigidas a Olivença. As vantagens econômicas e o uso político do comércio com Maynas já haviam sido apontados pelos governadores do Grão-Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado e Manuel Bernardo de Melo e Castro, resultando, anos à frente, na elaboração do "Secretíssimo Plano de Comércio"[20].

Nesse caso em particular, por envolver um frei da Ordem do Carmo com longa estadia na fronteira amazônica como interlocutor das cartas espanholas, é interessante o retrato feito, mais de uma década antes, pelo governador Mendonça Furtado sobre a participação de carmelitas — responsáveis pelas missões portuguesas do rio Solimões — e de particulares na drenagem do ouro e da prata dos domínios espanhóis. Em novembro de 1752, o então governador situava aquela fronteira como

[17] Serafim Leite. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, Lisboa: Instituto Nacional do Livro, Livraria Portugália, 1943, Tomo IV, pp. 399-410. De acordo com o autor, em meados do século XVIII, quando da feitura de seu inventário, a biblioteca contava com 1.006 volumes sobre temas diversos. Na livraria, a menção a obras dos dois autores em questão aparece como "Schmalguber *Jus canon*" e "Picler *candidatus Juris prundentiae*", respectivamente.
[18] Rosario Márquez Macías. "La actividad cultural en los puertos del Caribe en el siglo XVIII. El caso del comercio de libros". In: Jorge Enrique Elías Caro e Antonino Vidal Ortega (ed.). *Ciudades portuarias en la gran cuenca del Caribe. Historia, Cultura, Economía y Sociedad*. Santa Marta, Barranquilla: Universidad del Magdalena, Universidad del Norte, 2009, pp. 43-78. A transcrição do carregamento indicado se encontra nas páginas 55-57.
[19] Sebastián Gómez González. *Frontera selvática*, *op*. *cit*.
[20] Carlos Augusto Bastos. *No limiar dos impérios*, *op*. *cit*. pp. 198-200.

> [...] a porta por onde se faz o comércio clandestino que aqui há com os Castelhanos. Por aquele rio [Javari] têm não só os Padres do Carmo, mas muitos particulares, tirando infinita prata e ouro aos ditos Castelhanos, que me consta recebem os nossos gêneros com muito boa vontade por lhos largarmos, por menos de metade do preço por que lhe introduzem os seus nacionais[21].

Em suma, a documentação que se segue pode ser inserida no que Diana Sorensen definiu como "estudo de caso", no quadro dos estudos sobre cultura material. Trata-se de um diálogo singular entre um governador de Maynas e um vigário de uma vila portuguesa, cujas relações, no entanto, se assemelham a outras experiências vivenciadas ao longo da fronteira entre os domínios amazônicos de Portugal e Espanha[22]. Tais dinâmicas incluem não apenas conflitos e desconfianças, mas também a comunicação epistolar e a circulação de mercadorias globais[23], que, por sua vez, refletem diferentes relações transfronteiriças, experiências e dificuldades características daquela parte remota dos impérios português e espanhol na América do Sul.

Referências

BASTOS, Carlos Augusto. *No limiar dos impérios: a fronteira entre a Capitania do Rio Negro e a Província de Maynas. Projetos, circulações e experiências (c.1780-c.1820)*. São Paulo: Hucitec, 2017.

ESPÍRITO SANTO, Arnaldo do. "O *Viridarium* de Francisco de Mendoça, S.J. Apresentação de uma obra injustamente esquecida". In: GONÇALVES, Maria Filomena; BANZA, Ana Paula (ed.). *Património textual e humanidades digitais*. Évora: Publicações do CIDEHUS, 2013, pp. 11-24.

GERRITSEN, Anne; RIELLO, Giorgio (ed.). *The global lives of things: the material culture of connections in the early modern world*. Londres: Routledge, 2015.

GONZÁLEZ, Sebastián Gómez. *Frontera selvática: españoles, portugueses y su disputa por el noroccidente amazónico, siglo XVIII*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, 2014.

[21] Marcos Carneiro de Mendonça (ed.). *A Amazônia na Era Pombalina: correspondência do governador e capitão-general do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado: 1751-1759*. 2. ed. Brasília: Senado Federal, 2005, v. 1, p. 258.

[22] Diana Sorensen. "Mobility and material culture: a case study". In: Diana Sorensen (ed.). *Territories and trajectories: culture in circulation*. Durham: Duke University Press, 2018, pp. 151-160.

[23] Anne Gerritsen e Giorgio Riello (ed.). *The global lives of things: the material culture of connections in the early modern world*. Londres: Routledge, 2015.

"Gran Enciclopedia de España". In: *Cursus Salmanticensis*, 2008. Disponível em: https://gee.enciclo.es/articulo/cursus-salmanticensis. Acesso em 10 de outubro de 2025.
HERBERMANN, Charles G. et al. (ed.). *The catholic encyclopedia: an international work of reference on the constitution, doctrine, discipline, and history of the Catholic Church. Edited by Charles G. Herbermann, Edward A. Pace, Conde B. Pallen, Thomas J. Shahan, and John J. Wynne. Vol. 12: Philip II to Reuss*. Nova York: Robert Appleton Company, 1911.
HERBERMANN, Charles G. *et al.* (ed.). *The catholic encyclopedia: an international work of reference on the constitution, doctrine, discipline, and history of the Catholic Church. Edited by Charles G. Herbermann, Edward A. Pace, Conde B. Pallen, Thomas J. Shahan, and John J. Wynne. Vol. 13: Revelation to Stock*. Nova York: Robert Appleton Company, 1912.
LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, Lisboa: Instituto Nacional do Livro, Livraria Portugália, 1943. Tomo IV.
MACÍAS, Rosario Márquez. "La actividad cultural en los puertos del Caribe en el siglo XVIII. El caso del comercio de libros". In: CARO, Jorge Enrique Elías; ORTEGA, Antonino Vidal (ed.). *Ciudades portuarias en la gran cuenca del Caribe. Historia, Cultura, Economía y Sociedad*. Santa Marta, Barranquilla: Universidad del Magdalena, Universidad del Norte, 2009, pp. 43-78.
MENDES, Caroline Garcia. "Os arquivos digitais e a escrita da história a partir das fontes on-line". *Acervo*, 38 (2023), pp. 1-13.
MENDONÇA, Marcos Carneiro de (ed.). *A Amazônia na Era Pombalina: correspondência do governador e capitão-general do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado: 1751-1759*. 2. ed. Brasília: Senado Federal, 2005. v. 1.
SANTA CRUZ Y ESPEJO, Francisco Javier Eugenio. *Escritos del doctor Francisco Javier Eugenio Santa Cruz y Espejo*. Quito: Imprenta Municipal, 1912. Tomo I.
SANTOS, Fabiano Vilaça dos. *O governo das conquistas do Norte: trajetórias administrativas no Estado do Grão-Pará e Maranhão (1751-1780)*. São Paulo: Annablume, 2011.
SOMMERVOGEL, Carlos. *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*. Louvain: Editions de la Bibliothèque S.J., Collège Philosophique et Théologique, 1960. Tomo V.
SORENSEN, Diana. "Mobility and material culture: a case study". In: SORENSEN, Diana (ed.). *Territories and trajectories: culture in circulation*. Durham: Duke University Press, 2018, pp. 151-160.

Recebido em 18 de novembro de 2025.
Aprovado em 08 de junho de 2026.

Arquivo Público do Estado do Pará, Fundo Executivo (Secretaria da Capitania), códice 29, docs. 139-158.

[doc. 139]

Ill.mo Ex.mo Snõr Fernando da Costa de Athaide Teive

Recebi a Carta, q V Ex.ca me féz m.ce da data de seis de setenbro do anno passado: estimo que V Exc.ª se ache aSestido de boa Saude, D.s permita continuarlhar com todas as mais felicidades para continuar no Serviço do mesmo Snõr, e de sua Magestade Fidillissima.

Nesta villa não tem avido novid.e que dezimquiete a paz, que gozam todoz os q nella vivem: Ds' permita a Continuação.

O G.or e Capp.am g.al da provincia de Maynas me escreveo, e me mandou huã Receyta, p.ª lhe mandar vir do Pará, o que nella pede: e como a minha profição não permite similhante trato Remeto a v Ex.ca emcluzas nesta as cartas, e a Receyta para que V Ex.ca desponha o que for servido.

Fico m.to pronto a obediencia de V Ex.ca Rogando a Ds.' g.de a precioza vida e Pessoa de V Ex.ca Como pode. Olivença 30 de Julho de 1765

Ex.mo Snõr
De V Ex.ca
Beija A Mão.
seu omilde Capellam, e criado

Fr. João. de S. Jeronymo

[doc. 140, em branco]

[doc. 141]

Pebas 21 de Abril <+>

R.mo P. Amigo y S.or haun antes [corroídas ± 3 linhas] [lle]gase a mi jurísdicion, tube no[ticias de] V.R.ma y las amables prendas de [V.R.ma] deseo ciertamente, dar à V.R.ma muestras de mi estimacíon, por lo mucho que deve la nacíon española qe transíta estos destíerros yo sin saber [corroída ± 1 linha] venía admiá [?] este Govíerno vien ageno de lo que ello es pero ya que tengo la desgracia de vivir en el

tengo la dicha de tratar con honbres todos justos y consíquíente la de ofrecerme todo a V.R.ma en donde sí gustase ocuparme me hallara pronto a servirlo de corazon.

Padre mío haunque con rubor me atrebo ã mandar a mi críado esclabo para que bocalmente trate con buesa rreverencía y le provea de algunas menudencias que aqui es largo pedírlas à Quíto lleba carta mia para V.R.ma y esta va para mas estensíon yo me hallo apocado de recomendacíones del S.or Vírrey

[doc. 142]

con quien vine de España de oficial de su guardia y con este motivo tengo toda la Audiencia de mi parte y encargos de los mas para el Gran Pará con que deseo lograr esta ocasíon en que pueda adelantar el caudal qe tanto afan [corroídas ± 2 linhas] a ello me balgo del fabor [corroídas ± 2 linhas] para que del gran Para haga traer a precios conmodos (como son los de alla) los generos que pido en esa memoría y deseare llegen por el tíenpo de los barcos que de bue [corroída ± 1 linha] íenen a esa y síendo así haremos el negocío los dos.

Para esto era muí del caso nos víeramos para tratar como corresponde V.R.ma determine y avíseme lo que guste para determinar de una vez lo que sea mas conveniente yo no me fío ní de escrivíente ní de persona alguna V.R.ma hara lo mísmo y perdone mis ynpertinencias deseo la continuacíon de la salud de V.R.ma y que Díos le gde m.s a.s

BLM. de V.R.ma su mas deseoso servidor y amigo
Antonio de la Peña

R.mo P. Fr Juan de s.n Jeronímo

[doc. 143]

Lista <+>
2 píezas de tercío pelo verde color esmeralda **-**
2 de lo mismo color azul cardenillo **- - -**
2 negro líso **-**
2 de rrízo con flores grandes negros
1 píeza de lo mísmo sobre fondo de plata flores azules **- -**
1 píeza de lo mísmo fondo de oro y flores de gusto
zíntería de todos colores
zíntas de rízo de seda y de plata y oro todas qe sean estrañas
estuchítos pomítos de crístal y menudencías a este modo.

1 píeza de paño fíno verde **-**
otra de grana **- -**
1 docena de cañas para bastones fínas **-**
medías de muger de todos cotores con las cuchíllas bordadas **- -**
medias de honbre de colores menos grís porque no sirven **- - -**
sonbreros fínos negros pocos blancos **- -**
bretañas finas **-**

[doc. 144]
estopíllas lísas para camísas pocas **- -**
galones de brillo de oro [y] plata **- - -**
algunos reloges de símí[…]lor y algunos puños de espadin fínos **-**
4 reloges de sobre mesa a p[e]queños que abulten po[co]
un surtimíento de en[…]ges no muchos **- -**
algunas cosas curíosa[s] de díamantes de no mucho balor **- -**
todo si ubíese de venír sera en cajones de el peso de dos arrobas y no mas por que no se puede sacar de otro m[o]do **-**
4 lunas para espejos de a dos baras **-**
todos los generos deveran ser yngleses por ser mejores y mas víen acondicionados que los de otra nacion **-**

[doc. 145]
remito ã V.R.ma unos polícones (que asi llaman en Quito) para que al modo de ellos se hagan en el gran Para otros de diamantes y otras píedras con maestro curioso es encargo particular qe yo hago a V.R.ma pues es regalo para mi muger tanvíen remíto un zapato para medida de 1 par de botas ynglesas para el oídor decano de quito.

[doc. 146, em branco]

[doc. 147]
[sinal]
el curso Salmantisense
el P Smanguever
el P. vito picler.
el P. sec
un mísal de Altar portatíl.

[doc. 148, em branco]

[doc. 149]

Memoria de las cosas que pido al S.r G.r
Una biblia, y concordancia en pasta con las notas de Juamel [?].
Las obras del P. Mendoza de la exposision de los Reyes y el viridario.
Los sermones del Obispo de Patara
unos libros de sermones de los mas modernos que se hubiesen impreso en estos años

[doc. 150, em branco]

[doc. 151, em branco]

[doc. 152, em branco]

[doc. 153, em branco]

[doc. 154]
[canto inferior direito, escrita verticalizada] Do Vigario da V.ª de Olivença em 30 de Agosto de 1765 R.

[doc. 155]
R.mo P. Mío <+>

Mí amado Dueño y señor, con grande gusto receví, la aprecíable carta, de V.R.ª por la salud que goza, como por las aprecíables espresíones que le meresgo, à V.R.ª a quíen de nuebo ofresgo de corazon, mí persona, sí gustase ocuparla

síento que V.R.ª me sonroge, con mandar me la cuenta, del poco ôro que llebo el Negro tan solamente, lo precíso, para una frasquera; y como V.R.ª se sírve regalarme (con bochorno mío) con los frascos qe llegaron con víen, doía à V.R.ª las mas espresíbas gracías deseando, hallar modo, como esplícar á V. R.ª mí agradecimíento, escríbo a quíto a mi Muger me desenpeñe que lo hará

Amígo, síento en mí corazon, lo que V.R.ª me díce, de que se nececíta plata o ôro para mandar a el Gran pará; esto me sírve de pudor, pues síendo cíerto, que yo, soy caballero, y mí enpleo que no es así como quíera, faltaría a trato alguno mas; quedando oblígado con mí palabra, à satisfacer síno víese, no podía cunplír, no haría trato âlguno, yo síento no haver traido el ôro que tenía en Napo y mande a Quíto, por no hallarlo necesario y sí hubíera savido, no me

vendria sín el yo solo me hallo, con un poco de plata labrada que trage para mí uso

[doc. 156]
pero me hallo, con caudales en Quíto, capaces de satísfacer, à cualquíera cosa que contrate, y haora escríbo a mí Muger, me mande en pesos fuertes, lo que fuere bastante, à cunplír con lo tratado; creo que ese caballero del Gran Pará, no vendra ã mal esto, savíendo mí caracter y proceder, VR.ª este cíerto en que no soy Pasmíño ní otros pícaros que los an engañado, y se an vído con sus acíendas que les an fíado, yo me alegrare me conosga V.R.ª y vera es sonrojo esto para mí.

quedo enterado de lo que V.R.ª me díce, acerca de los barcos, estaran en Ôlívenza por enero y deseare el conocer â V.R.ª antes; darle un abrazo, y tratar largamente sobre míl cosas, y mas conocer la amable persona de V.R.ª ã quíen por las notícías que el Negro me da le estoí agradecído

yo me hallo molestado con un furíoso dolor de muelas que no sosíego por esto no soy mas largo y no puedo proseguír solo deseo respuesta de V.R.ma

ruego a Díos me de el gusto de conocer ã VR.ma y lo G.De los m.s a.s he mí deseo Pebas primero de Junío

BLM de VR.ma su maíor amígo

Antonío de la Peña

R.mo P. Fr. Juan de S.n Geronimo

[doc. 157]
R.mo P. Fr. Juan de S.m Jeronímo <+>

Muy Señor mío y mí dueño con el motívo de haver llegado de Governador de estas provincias y haver tenído repetidas notícías de las amables prendas que rresíden en V.R.ma me hallo obligado â ofrecerme a V.R.ma con todas las facultades que en mi resíden para que savedor me ocupe

R.mo P. como la distancía con que me hallo de poder conseguír algunas menudencías que sera muí factible las haíga en esos parages por la ynmedíacíon al Gran Para me atrebo a molestar a V.R.ma pidíendo por fabor tenga a víen qe mí críado se provea de lo que fuere mas precíso para sastifacer lleba su ínporte con un poco de quína para V.R.ma que mi caríño le remíte víen sentído de no haver

tenído las notícías antícípadas en Quíto para mostrar me con VR.ma como corresponde

espero razon cíerta de V.R.ma para que sí tubíese por conveníente nos veamos elija el parage para que mas ynmedíatamente facilítemos nuestra buena amístad con la que deseo g.de Díos à V.R.ma m.s a.s Pebas 21 de Abríl de 65.

BLM de V.R.ma su maíor amígo
Antonío de la Peña

[doc. 158, em branco]